



Coro da cathedral de Westminster

Westminster é um dos mais antigos monumentos de Londres, e, segundo se diz, foi fundado no principio do seculo VII, por Sebert, rei dos saxonios de leste.

O exterior de Westminster não tem a apparencia de um monumento uniforme, mas as fachadas, sobretudo a do lado de oeste, são magestosas; o magnifico portico que conduz á cruz do norte é digno de admiração. Entrando na igreja pela porta de oeste fica-se surprehendido pela simplicidade, simetria e elegancia que rei-

nam no interior, ainda que os monumentos de toda a especie que ali introduziram destruissem um-pouco a harmonia do conjuncto. A igreja consiste em uma nave e dois lados, e o tecto, abobadado, é assente sobre dois renques de arcadas, apoiadas por numerosas columnas. O coro tem a fórma de meio octogono, e antigamente era rodeado de oito capellas; hoje, porém, só tem sete, tendo sido destinada a que lhe falta, a servir de portico á capella de Henrique VII. Uma porta de ferro separa o coro das outras partes

da igreja e na extremidade tem um altar de mármore branco offerecido pela rainha Anna. O chão do côro, todo de mosaico, é considerado como um primor de arte, e foi trabalhado e assente em 1272, a expensas de Ricardo Ware, abba de Wistminster, consistindo n'uma inumeravel quantidade de bocados de jaspe, de alabastro, de porphyrio, de mármore, de lapis, formando variadissimos e curiosos desenhos. É no côro que tem logar a cerimonia da coroação dos reis e das rainhas de Inglaterra.

Da parte inferior do lado do sul duas portas conduzem aos claustros, que subsistem ainda como na primitiva e formam quatro longas entradas, cobertas por arcadas, cercando um centro quadrado. As paredes estão quasi replectas de pequenos monumentos, e o chão é formado de pedras tumulares. Um portico riquissimo dá ingresso á sala de capitulo, que data do anno de 1220. Em 1377, com o consentimento do abba, a camara das communas fez ali as suas sessões e, mais tarde, no reinado de Henrique VI, passaram a ter logar na capella de Santo Estevão, que foi depois devorado pelas chammas. Os archivos da corôa estão em Westminster aonde está conservado cuidadosamente o famoso doomsday-book, ou grande cadastro de Inglaterra, compilado sob as vistas de Guilherme o Conquistador, e compõe-se de dois grossos volumes in-4.º, muito legiveis, e em bom estado, não obstante existirem ha sete centos e cincoenta e seis annos. Ao norte da abbacia elevou-se outr'ora o sanctuario, logar inviolavel, aonde os proprios reis iam procurar asylo.

São estes os dados que pudemos colher, a respeito do templo que a nossa gravura representa.

ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA (1)

por Emilio Burnouf

A historia das litteraturas, como todas as applicações da intelligencia, tomou n'estes ultimos cincoenta annos uma direcção scientifica que nunca mais abandonará. As apreciações de sentimento, que achamos em La Harpe e em toda a sua escola, desapareceram e foram substituidas pelo estudo dos factos, pelas induções historicas fundadas sobre elles, e pela indagação das leis que regeram o espirito dos povos nas suas produções litterarias: ficaram assim banidos aquelles juizos absolutos e arbitrarios que variavam segundo o gosto do critico, o seculo em que escrevia, e a escola em que se filiava. Acabou-se o reinado do pretendido *criterium* universal do bello, que se applicava indistinctamente a todos os auctores e a todos os povos: hoje, ninguem usa d'aquella regra inflexivel; começa-se o estudo dos escriptores sem preoccupações de especie alguma, com a intenção de os comprehender antes de os julgar. Aceítamol-os como a historia nol-os dá, analysam-se, comparam-se entre si, repõem-se no meio em que viveram, e transportamo-nos, para melhor os conhecermos, ao centro das circumstancias sociaes, politicas e religiosas em que elles escreveram e cuja acção contribuiu para a manifestação ou transformação do

seu genio. Já nos não extasiamos beatificamente diante d'um nome ou d'um livro, sem sequer indagarmos se esse nome representa um homem, e se esse livro é obra d'um auctor ou d'uma época.

Hoje, o historiador não quer senão a realidade; o sentimento foi substituido pela critica.

As historias litterarias modernas distinguem-se por dois caracteres: a interpretação natural dos factos e a perfectibilidade. A interpretação assiste sempre a lei universal da natureza — que coisa nenhuma apparece de repente com a sua fórma perfeita e definitiva; as obras do espirito, sendo, como todas as coisas, um producto natural, soffrem uma elaboração demorada primeiro que realizem a sua maior perfeição; assim o primeiro orador não foi um Demosthenes, nem o primeiro tragico um Sophocles, nem o primeiro epico um Homero. A arte d'estes grandes genios creou-a o estudo dos que os precederam. Assim como o physiologista não consegue surprehender o primeiro phenomeno da vida por onde começa o animal, assim tambem o historiador d'uma litteratura não alcança o facto que deu origem a um genero; mas o que ambos podem approximar-se muito do ponto inicial com o auxilio da analyse.

O que dissemos dos primordios das litteraturas ou d'um genero estende-se á decadencia d'ellas ou ao fim d'uma criação litteraria qualquer: esses acontecimentos não são subitos; é um decrescer lento, gradual, a que é impossivel determinar o fim. Além d'isso, ainda se não vio nenhuma litteratura desaparecer por uma como aniquilação expontanea, porque todo o ser persevera no seu ser. Fundem-se nas outras que lhes succedem ou que vem juntar-se com ellas e transformal-as. É assim que a litteratura grega, cujos começos se perdem n'um passado todo trevas, se prende por outro lado a uma nova civilização que vem do Oriente, vae perdendo lentamente o terreno que é occupado pelas idéas christãs, e desaparece n'ellas como as aguas d'um rio que se conservam por algum tempo na superficie do mar em que elle se lança, depois misturam-se com as d'elle a pouco é pouco, vão-lhe tomando o sabor, e acabam por se confundirem n'ellas inteiramente.

É em consequencia d'isto que os pontos mais interessantes d'uma litteratura para os espiritos ávidos de sciencia não são sempre os da sua maior perfeição, mas aquelles em que ella começa e em que acaba. É, sem duvida, pela contemplação das obras capitaes que se fórma o nosso gosto classico, mas, ainda assim, aquellas fórmas e proporções admiraveis pela sua belleza, não satisfazem o noosso desejo de saber. O espectáculo grandioso do Edipo commove-me, mas a adoração póde ser um estado permanente?

Retirando os olhos d'esse quadro e entrando na vida contemporanea, vejo todos os homens attentos na indagação da razão das coisas, e decuplando com esses conhecimentos a sua força d'acção; sinto logo a necessidade de saber como foram concebidas e realisadas aquellas obras que me arrebatam e enlevam. Nasce d'aqui o estudar as causas, as leis e as condições da produção litteraria, isto é, a historia das litteraturas como hoje pensamos que deve ser. Desde esse instante a questão das origens occupa um logar

(1) Da Revista dos Dois Mundos.

importante n'esta historia, porque á proporção que remontamos os seculos, dos mais esplendidos aos mais obscuros, observamos fórmas litterarias que se desenvolveram gradualmente, e somos levados fatalmente a buscar e estudar os seus principios.

Tinha Otfried Muller formado o plano de escrever uma historia completa da litteratura grega em que se filiam todas as litteraturas modernas, mas a morte interrompeu-o, e deixou o na época de Alexandre Magno.

A idéa dominante d'este livro é que a civilização grega em todos os seus elementos é absolutamente original, nascida espontaneamente no solo e do genio da Grecia, emfim, autochthona, como diziam os gregos.

Muller professava que aquelle povo privilegiado não tinha recebido coisa alguma dos outros povos, e isto tanto no periodo medio da sua historia, quando elle tinha toda a sua energia productiva, como nos primeiros tempos em que cuidava da sua organização e se avigorava para as luctas do futuro.

Depois da morte de Muller, o estudo das origens chegou pelos esforços dos sabios a um ponto que elle não entrevira.

E' verdade que a civilização greco-latina se acha comprehendida entre dois grandes periodos, a que ella serve como de transição, o periodo oriental e o periodo moderno, e tanto as nossas litteraturas como a nossa civilização tem os seus alicerces na antiguidade grega e na latina; mas, apesar d'isso, conservam a sua originalidade e por tanto tem origens proprias; não são uma reproducção calcada sobre essa antiguidade.

O estudo da litteratura da idade-media assumio nos tempos modernos grandissima importancia, e tem enriquecido a sciencia com verdadeiros descobrimentos. Possuimos uma grande quantidade de escriptos que chegam até ao tempo dos Carlovingianos, e que estão datados; podemos, pois, assistir ao despontar d'essa litteratura, e reconhecer a lei que presidio á formação das suas obras.

Por outro lado, ha cincoenta annos que a Europa vê a ressurreição d'um novo mundo, o Oriente. Procuravam até ainda ha pouco as origens da civilização greco-romana nos Semitas, sobretudo na Judéa e nos Egyptios, e recentemente um dos mais illustres d'entre os mestres da cathedra franceza (2) perseguia, a proposito de Pindaro, esta chimera. Otfried Muller consagrou parte da sua vida á refutação d'essas opiniões e mostrou que ellas não se baseavam em nenhuma analyse verdadeiramente scientifica. Quando elle morreu, a sua critica, que completava a de Winckelmann, tinha arroteado e aplanado o terreno; mas como elle não conhecia bem o Oriente, porque então o Oriente primitivo ainda estava por descobrir, substituiu ás theorias já caducas a sua doutrina da originalidade hellenica que por ser muito absoluta não é geralmente accete. Esta doutrina é hoje ensinada em quasi toda a Allemanha; penetrou em Inglaterra, para quem Muller escreveu a sua historia, continuada por Donaldson, e depois em Italia pelas traducções de Rusaoni, Capellina e Ferrai.

É essa obra que o sr. Karl Hillebrand nos offere-

ce, vinte e cinco annos depois da morte do seu auctor, trasladada a francez e precedida d'um estudo muito interessante sobre Muller e a sua escola. Não ha senão que felicitar o traductor de ter querido estender á França a influencia do professor de Göttingue, seu compatriota; e desejáramos que elle publicasse em francez não só as outras obras de Muller, os *Mynios*, os *Doricos*, e os *Etruscos*, mas tambem as principaes obras dos seus discipulos, como, por exemplo, as do sr. Curtius, successor de Muller na sua cadeira universitaria. Dizia Goethe que os francezes se distinguem pela sua ignorancia da geographia e das linguas estrangeiras: parece-nos que esta formula hoje seria um pouco exagerada, mas, apesar d'isso, lemos e estimamos sempre mais um livro escripto na nossa língua. Se as obras d'Otfried Muller tivessem sido traduzidas ha vinte annos, teriam influido nos nossos professores, assim como o seu Manual d'Archeologia da Arte, apesar d'uma traducção imperfeita, influio sobre os nossos artistas; o ensino classico teria ganho, sem perder a pureza do gosto e a elegancia, mais solidez do que a que tem, e o ensino superior, mais livre e desembaraçado das prisões d'uma orthodoxia esteril, teria tomado o caracter scientifico correspondente ás exigencias do nosso tempo, e que elle tem na Allemanha. Não gosámos estas vantagens, e o livro d'Otfried Muller chega nos quando a influencia que elle teve na Allemanha está prestes a ser substituida por outra e quando as theorias que elle expõe estão já em parte abandonadas.

Com effeito, na *Historia da Litteratura Grega*, o capitulo que trata das origens está ainda por fazer, e a lei geral do desenvolvimento hellenico tambem ainda não está formulada.

Todo o periodo classico foi tratado por mão de mestre. Reconhece-se ali a sciencia solida do auctor do Manual de Archeologia e o sentimento profundo da antiguidade que o levou á terra onde encontrou a morte; mas, no ponto a que chegou a sciencia já não se póde admittir a originalidade absoluta de qualquer nação; não se póde isolar uma litteratura de todas as outras, nem descobrir a lei que a rege sem recorrer á historia comparada das outras litteraturas. A questão de Homero, tão discutida no seculo passado e no principio d'este, e que Otfried Muller deixou sem a resolver, não póde achar solução senão no estudo comparado das nossas epopéas e das indianas. A Muller faltou a grande chave da civilização grega, o conhecimento do Vêda; é por isso que o periodo primitivo, dominado pela lenda d'Orpheo, sobre que aquelle livro lança a maior luz, foi para elle e para a escola hellenica letra morta. Era impossivel conhecer nas suas origens os grandes elementos da civilização grega, a religião, as raças, e as instituições sociaes, em quanto as não podiamos comparar com o Oriente, e o mesmo se póde dizer do seu periodo final: via-se, é verdade, que, a contar de Alexandre Magno, se ia operando uma mudança nas idéas, e que novas correntes atravessavam, em todos os sentidos, os livros d'este extenso periodo; mas, essas correntes, d'onde vinham ao certo? Otfried Muller não alcançou esse ponto na sua historia; mas o que é certo, é que elle não podia resolver o problema só com os dados que a Grecia lhe poderia fornecer, e que, se elle

(2) Cremos que o auctor allude a Villemain.

tivesse vivido mais vinte e cinco annos, a força das coisas obrigar-o-hia a estudar o Oriente e a modificar a sua theoria da originalidade absoluta do povo grego.

Vamos tentar expôr as alterações mais importantes por que tem passado as theorias da sua escola, em consequencia dos descobrimentos mais recentes.

I

É um facto que não soffre contestação o serem originarias da Asia todas as racas comprehendidas sob o nome latino de gregos. O seu berço foi o berço commum dos povos a que se deu o nome de Aryos, e que tambem ás vezes chamamos Indo-Européos. Todas as indicações da sciencia são concordes em collocal-o no centro da Grande-Asia, nos valles do Oxus. Não é facil, no estado actual dos nossos conhecimentos, o seguir a marcha das emigrações aryas que, tendo partido do Oxus, vieram povoar a Grecia; o mais que se sabe é que ellas seguiram diferentes caminhos, ao longo do Mar Negro, pela Asia-Menor, e pela ilha de Creta. Saíram do mesmo centro todas as emigrações que civilisaram a terra.

É uma opinião errada a que julga que ellas seguiram a marcha do sol, do oriente para o occidente; longe d'isso, caminharam em todas as direcções; porque, emquanto na Persia, na Asia-Menor, na Grecia e na Italia se manifestava uma civilisação esplendida, herdada pelos povos modernos da Europa e pela America, um outro ramo dos Aryos descia por Attock aos valles do Indo, e ali compunha os hymnos do Vêda; estendia-se depois pelas planicies do Ganges, conquistava a peninsula e a ilha de Ceylão, e fundava a grande civilisação brahmanica; posteriormente, a religião bouddhica, que nascera d'ella, irradiou da India em todas as direcções, converteu ás idéas aryas a maior parte dos povos amarellos de Sião ao Japão, penetrou nas ilhas do Oceano, e pelo norte chegou até ao Mexico, onde hoje encontramos os seus monumentos.

A raza do Oxus envolveu portanto a terra: os Hellenos são um dos mais brilhantes ramos do tronco aryo, mas não o unico; na antiguidade temos outros dois, a Persia, que excedeu muito a Grecia em materia de religião, e a India que é o paiz por excellencia da metaphysica e da moral. Estes diferentes ramos da familia arya exerceram uns sobre os outros uma acção reciproca, mas que nunca desviou da sua linha o progresso da civilisação, porque essas influencias partiam de homens pertencentes á mesma familia humana.

Separados uns dos outros, cada um d'elles se desenvolveu de per si, mas com caracteres communs. Assim, dos deuses gregos que Muller considerava uma producção espontanea do genio popular dos Hellenos, poucos são os que não se encontram em todos os membros da familia arya, ou, pelo menos, em grande numero d'elles. Estes deuses representam, sem excepção alguma, forças da natureza, a maior parte d'ellas physicas, algumas moraes ou intellectuaes. Como estas forças abraçam um maior ou menor numero de phenomenos de que ellas são causas, o poder e os dominios de cada deus tem limites

determinados, dentro dos quaes se exerce a sua actividade; mas quando a reflexão mostrou aos gregos que essas forças são dependentes umas das outras, e que d'esta subordinação nasce a harmonia do mundo, concluíram d'ahi que tambem os deuses estavam sujeitos a uma especie de jerarquia, e que uns mandam e outros obedecem. Organizou-se então, em volta de cada divindade, um cortejo celeste, tanto mais numeroso quanto os phenomenos a que elle presidia formavam grupos maiores e mais variados.

A parte da mythologia que os gregos das diferentes racas acrescentaram ao fundo commum, depois que saíram da Asia, é apenas um desenvolvimento secundario da religião nacional, apesar de algumas d'essas divindades novas terem tido nas letras e nas artes uma grande importancia.

Em geral, são os deuses mais antigos os que occupam os primeiros logares no pantheon olympico e os que governam toda a jerarquia. Sob nomes diferentes encontramos-os em todas as mythologias aryas, tanto na Asia como na Europa; mas é principalmente no Vêda que elles se apresentam com a sua significação symbolica original. Ali, o nome de cada um dos deuses é uma palavra da lingua usual, que designa ao mesmo tempo o deus, o seu valor symbolico, e os phenomenos a que elle preside. Causa a admiracão ver que Muller não notou que nenhum dos nomes dos deuses hellenicos é grego. Estes deuses e estes nomes tem portanto uma origem remota, e devemos procural-a no lugar em que elles tiverem uma significação primordial.

(Continua)

USANÇAS INGLEZAS

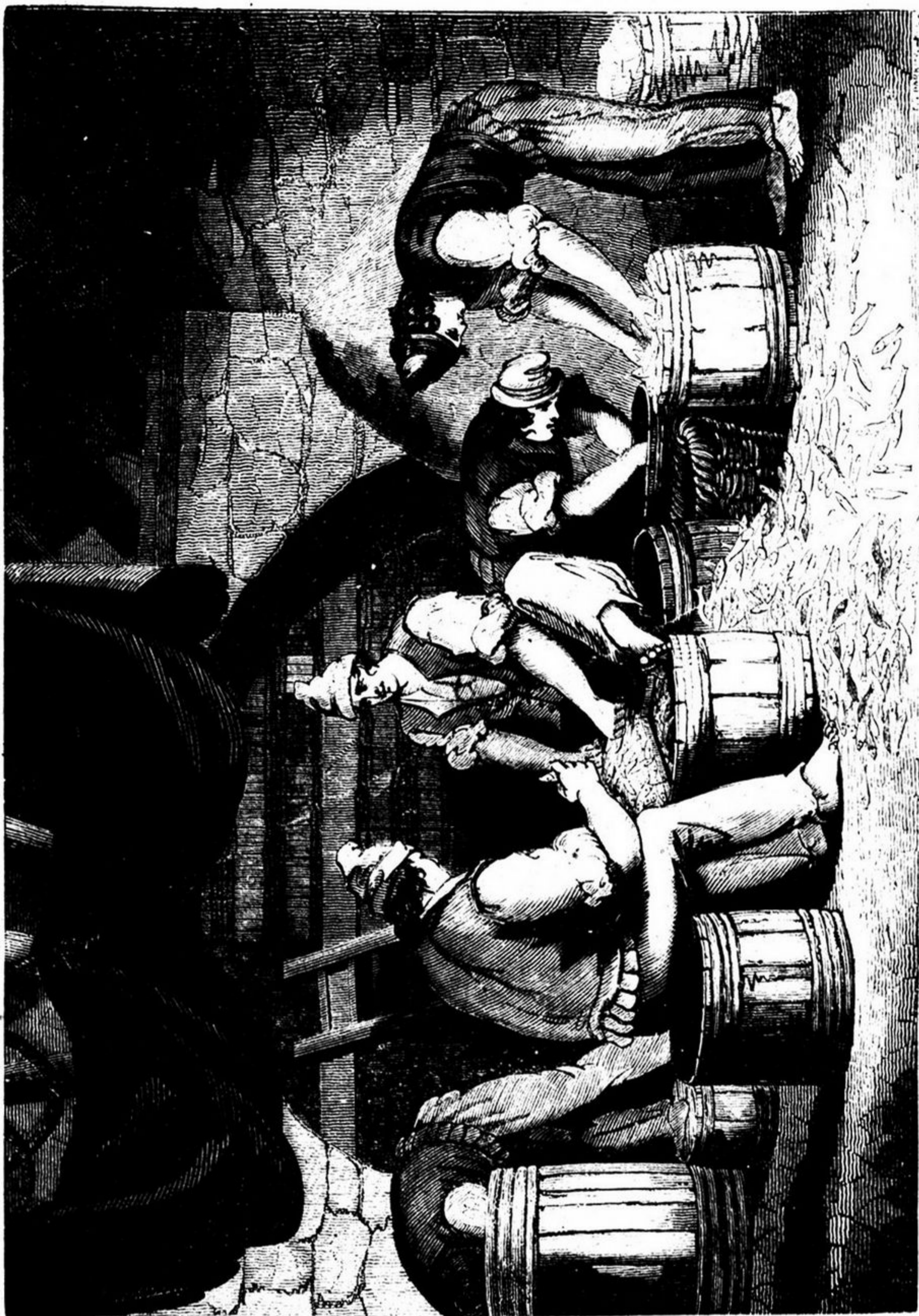
As nomeações dos cargos ecclesiasticos estão em poder da nobreza, dos reis e das universidades. Ha familias que tem, sob o nome de *advowson*, o direito de *representar* muitas dignidades; estes direitos são inherentes aos proprietarios nacionaes, direitos de que estas familias se tem apossado, e não é raro ver mulheres, e raparigas possuir *advowsons* e nomear os mais importantes funcionarios da igreja. Vendem estes direitos como qualquer outra propriedade e até se tem vendido *advowsons* em leilões publicos. Algumas vezes é uma mulher que apresenta seu marido; muitas vezes o proprio proprietario do *advowson* apresenta se para desempenhar o cargo; e outras vezes o producto da venda serve de dote para as donzellas.

Os altos cargos ecclesiasticos perpetuam se nas familias nobres, como os altos cargos civis; mas n'este ramo de serviços publicos, como em todos os outros, os titulares não despresam os módicos proventos de alguma meia duzia de cargos inferiores.

PONTE

Do lado do paiz de Galles á ilha d'Anglesey, o architecto Telford assentou uma ponte, que tem 100 pés de alta, 600 de abertura, e um só arco.

Quanto maior desejo temos de occultar os nossos defeitos mais os descobrimos.



Preparação das anchovas

A anchova tornou-se um dos ornamentos indispensáveis das mesas bem servidas. Muitos povos da antiguidade deram-lhe grande importância. Abunda a pesca d'este pequeno peixe nas costas do Mediterraneo, no rio de Genova, na Catalunha, e sobre tudo em Provença, em Cau-

nas, nas Antilhas, em S. Tropez, etc., fazendo-se d'elles grande commercio em todos estes portos.

A pesca da anchova effectua-se sempre de noite nos mezes de maio, junho e julho, época em que estes peixes, aos bandos, passam pelo Oceano no Mediterraneo para ir ao levante. Gostam muito

de ver luz; por isso basta collocar uma á pópa do barco para os attrair aos milheiros, vindo facilmente á linha.

As anchovas frescas têm muito consumo nas localidades da pesca, mas não podem ser transportadas para longe sem serem salgadas, e este preparo, longe de as depreciar, torna-as preferidas dos amadores. Era com anchovas salgadas que se fazia o escabeche, tão estimado dos gregos e romanos.

As melhores anchovas são pequenas, massiças e lombo roliço, o que as distingue das sardinhas. peixe do mesmo genero, mas mais chatas, mais grossas e menos estimadas.

Para conservar as anchovas tiram-lhes a cabeça e as tripas, e as destinadas ao commercio externo são mettidas, com sufficiente quantidade de salmoura, em pequenos barris.

As anchovas têm a cabeça longa, o focinho ponteagudo; a boca muito grande, a lingua pontuda e estreita, as guelras um pouco largas; o corpo e o rabo alongados, a pelle fina; as escamas macias e pouco adheridas; as badanas curtas e transparentes; trinta e duas costellas de cada lado, e quarenta e seis vertebrae. A sardinha, que se lhe assimelha, tem a cabeça ponteaguda, e de cor fusca, os olhos grossos; os operculos lavrados e argenteos; as escamas macias, largas e faceis de despegar; o ventre terminado por uma carena longitudinal, aguda, e recurvada; as badanas pequenas e pardacentas; o dorso azulado; as ilhargas argentinas, e quarenta e oito vertebrae.

A nossa gravura representa uns pescadores sicilianos preparando as anchovas.

OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuação de pag. 66)

II

Carta de Ernesto de Valladares

«TRAICOEIRO AMIGO. — Lançastes me por sobre o hombro olhos curiosos ao papel, onde archivava impressões intimas, e viestes denuncial-as ao publico. Não posso criminar-vos, porque vos não havia imposto com a confidencia as obrigações do sigillo; e demais, os romancistas são como as abelhas que volitam aqui e além, sugando os nectarios das flores, ás vezes acres e silvestres, para as converter no deliciosissimo fayo: ora as vossas flores são as peripecias da vida real da humanidade, e o vosso mel são esses contos que preparaes laboriosos para desenfado dos leitores; cera é que vós não fazeis, pobres operarios intellectuaes, sem tregoa nem descanso na vossa faina litteraria!

«Perdão-vos a revelação, e vou completal-a, para que se não extravie em rendilhados meandros da vossa phantasia o fio simplicissimo da historia, que prende com as linhas, que do meu caderno particular transcrevestes para o publico.

«Apresentastes o lado bom da minha physionomia moral, e embellezastel-o ainda com a benevolencia da amizade: deixai-me agora pintar-vos o reverso do quadro, sem escurecer nem cargar os traços máos do meu catacter.

«O *nosce te ipsum*, meu amigo, julgo-o o mais facil dos deveres do homem; creio até que é uma inevitavel attribuição de todo o ser pensante. Deus deu-nos um espelho moral de ma-

gico reflexo, que, na solidão de alta noite, nos reproduz taes quaes somos, sem desfavor nem embellezamento. Essa imagem porém, como todas as que se reflectem no aço polido de um espelho, desvanece-se sem deixar o menor vestigio, apenas deixamos de nos mirar. É por isso que no mundo passa como caso julgado a impossibilidade de realisar o epiphonema latino, que transcrevi como derradeira reminiscencia da lingua de Virgilio e de Ovidio. Mal desponta o dia, o dia da vida social que nos enreda e envolve a todos, a imagem do espelho intimo esvae-se, sem deixar sequer de si memoria; ou, se a deixa, de tal modo a confundem as sombras do orgulho ou da vaidade, adormecidas na solitaria noite, que já nem nos conhecemos, nem somos capazes de nos conhecer. É aquella eterna historia da velha que quebrava todos os espelhos, por não a reproduzirem tão bella como se julgava ser! Todos nós tomamos horror de nos vermos mais feios do que desejavamos e por isso quebramos o espelho... ou nos esquecemos d'elle.

«Mas agora, visto que estamos em ensejo de confidencias, ou melhor direi, visto que estou com o espelho na mão, mirando-me muito conscienciosamente, como nos acontece sempre depois de um grande cataclysmo do espirito, ah! vos envio a minha photographia moral tal como ella é realmente.

«Essa cabeça, onde dizeis aninhar-se a aristocracia do talento, esse coração onde affirmaes habitar a nobreza dos sentimentos, têm tambem as suas maculas de bastardia, como acontece ás mais genuinas e depuradas estirpes, quando o espirito investigador vae desvendando, atravez da penumbra das edades, mysterios envoltos n'ellas.

«Quantas vezes essa intelligencia, que o mundo ás vezes applaude, sente em si mesma uma tibieza mortal e uma vergonha invencivel pela sua propria impotencia! Quantas vezes ella despende os seus derradeiros recursos, não em adornos que lhe realcem a formosura, mas em arrabiques e cosmeticos que lhe desfarcem a senilidade!

«Consciencia do proprio merito, meu amigo, não sei que a possam ter senão os genios, que Deus fadou incommensuraveis, ou os tolos, que Deus fadou mais incommensuraveis ainda: são o zero e o infinito tocando-se, não sei se com ultrage ás leis da mathematica, mas com respeito aos factos positivos da vida.

«O homem, que tem intelligencia sufficiente para saber que não é um genio, mergulha por força no pelago do desalento, e ha mister afivelar muito a mascara da vaidade, para impôr aos outros d'aquillo que tem a consciencia que não é.

«A comparação da propria valia com a dos outros, mais laureados e mais felizes, anima-nos muitas vezes a progredir no caminho das ambições. Sabeis a replica de Bossuet para que precise reproduzir-vol-a aqui. Mas quem não ousa sequer comparar-se com os audazes que pullulam em torno d'elle, — por demasia de modestia, ou excesso de orgulho, o que vem a dar na mesma — soffre constantemente o peso d'este rochedo de Sysipho, que nem lhe deixa dilatar o peito para sorver em avidos haustos a atmosphaera das ambições.

«Assim tenho eu sido constantemente.

«É por isso que no coração se me albergam, com alguns sentimentos nobres, se quizerdes,

um sentimento que o tribunal do mundo condemna, é a inveja.

«Ora, a respeito de inveja, deixai-me que eu faça uma distincção, que julgo essencial para a continuação da minha auto-photographia. Ha duas espécies de invejas, segundo creio; uma, que, conforme o rifão popular, daria um olho para poder cegar o seu visinho; inveja que soffre com as felicidades alheias, não tanto porque as ambicione para si, como porque as não desejava nos outros; e quando chega mesmo a ambicionar-as não é porque julgue aproveitar com isso, mas só porque assim os desapossava d'ellas.

«A outra inveja, aquella que eu tenho tambem, sem que por isso diga o *poenitet me*, não soffre com as ditas que os outros obtêm, deseja-as apenas, sem exclusão d'elles, para exaltação propria e não para depressão alheia. Anhela como o preso anhela pela liberdade, sem que por isso lhe passe pela mente o encarcerar os outros; pede um lugar apenas ao banquete da felicidade, sem querer roubar o talher destinado para ninguem. E n'esta vertigem, n'este delirio em que o rodopio social o traz constantemente, ousa erguer-se até ás regiões invisíveis que presidem aos destinos do mundo, a interrogar o distribuidor das graças, sobre a desigualdade da partilha; ousa pedir contas ao destino, contas estreitas dos merecimentos d'aquelles que elle favorece.

«Bem sei, que, segundo minha santa mãe me ensinou desde o berço, n'aquellas nunca esquecidas prelecções com que o amor maternal vae formando suavemente o espirito infantil, é um dos peccados que brada ao ceu a inveja das mercês que Deus faz aos outros.

«Oh! meu amigo! deixai-me revoltar aqui um pouco contra a santa doutrina aprendida na meninice, e lançar á conta do cego acaso, — contra cujas deliberações nos é licito rebellar sem crime, — a distribuição tão injusta das mercês que nos são estímulo de invejas. Se é impia esta expansão de fatalismo, maior sacrilegio é de certo attribuir a Deus ingerencia directa ou indirecta n'estas fortuitas circumstancias que fazem de tantas mediocridades titulares, deputados, ministros, conselheiros, millionarios, notabilidades de toda a casta emfim, applanando-lhes como por magia o caminho que conduz ás regiões superiores da sociedade, e onde tentam debalde ascender, por mil improficuos esforços aquelles que não foram contemplados com tão liberal quinção... por Deus, não! que é blasphemia!

«Eis o segredo d'essas rugas temporãs e d'essas cãs precoces, que são o diadema de martyr do meu espirito atribulado; eis a chave do enigma do meu voluntario isolamento do bulicio social, e do encanto com que vou refugiar-me nas paragens seductoras do passado, onde viça uma planta, cuja contemplação delicia os desditosos, e que se chama a saudade.

«Não quero repetir-vos aqui, apesar de virem talhados de molde, os dois sublimes versos de Garrett, que á força de repetidos se tornaram n'uma impertinencia litteraria; — não os versos em si, que serão sempre bellos, mas a citação d'elles.

«Depois de vos ter daguerreotypado, tão bem como pude, a minha physionomia moral, revelando-vos mysterios da minha vida affectiva, que foram as causas remotas das linhas que transcre-

vestes do meu caderno e que formam o começo d'esta narrativa, devera explicar-vos a causa proxima d'aquelle trecho, em que desabafava um soffrimento, mas consenti que, por não enfadar-vos, reserve esse outro capitulo da minha historia para segunda carta, que não esquecerei de enviar-vos breve. Sempre vosso — *E. de Valladares.*»

(Continua)

C. B.

UM EPISODIO MARITIMO EM 1793

(Continuado de pag. 80)

O reconhecimento official do novo commandante da *Pastora* effectuou-se, na mesma noite, com o auxilio de fanaes, em presença de toda a equipagem, que se reuniu entre o mastro de ré e o mastro de mezena. As conjecturas passaram de boca em boca, e Deus sabe com que rapidez! Toda a companhia deu largas á sua imaginação, e cada um aventurára o seu commentario mais ou menos extravagante a respeito do joven capitão, e os officiaes subalternos limitavam-se apenas a dizer que a tez um pouco crestada e as mãos bastante calosas do joven chefe não se çasavam com as maneiras aristocratas que pretendia affectar. E enquanto uns e outros se perdiam em reflexões e em prognosticos sobre o protegido do representante João-Bom, o cidadão commandante ordenou, com a maior polidez, ao seu civico tenente de passar adiante, e a cada um dos cidadãos de bordo de se collocar no seu posto, promptos para apparellhar.

A brisa era excellente e o vento fresco. Um dos officiaes propoz ao commandante de se servir do porta-voz afim de melhor ser ouvido pela equipagem e serem executadas as suas ordens com mais promptidão. O commandante, agradecendo esta officiosa prevenção, respondeu que, quanto desejasse o maior silencio possibile a bordo, elle esperava conseguir fazer-se ouvir e obedecer sem o auxilio do porta-voz. As ordens necessarias foram immediatamente dadas, de um modo calmo, lento e preciso pelo modesto capitão, e em menos de uma hora de disposições preparatorias, estava a corveta apparellhada sem ruido e sem confusão, e em seguida mandou largar todo o panno e levantar ferro.

Concluida a manobra toda a equipagem retomou o curso caprichoso da sua conversação, momentaneamente interrompida, a qual só era agora interortada pelos embates das vagas que vinham quebrar-se na pròa da impaciente corveta, que saia a fez de Brest.

— Com mil raios, dizia o cidadão guardião, commandou melhor do que eu esperava; apesar do seu ar exquisito e da sua voz afeminada.

— Mas, retrucou o mestre calafate, o philosopho *volteriano* da *mestrança* de certo navegou já a bordo d'alguma barca engendrada de assucar candi para commandar de similhante modo.

— Ah! não é o embaraço que eu lhe noto, accrescentou o fiel, o artista philarmonico de bordo, se elle póde ufanar-se de ter uma voz aflautada, não póde dizer-se que a sua mala seja tão provida de roupa, como o seu modo de commandar é rico de diversos tons.

E a estes dieterios juntavam-se outros, mais ou menos picantes, da equipagem.

Dissemos já a missão para a qual a corveta *Pastora* tinha sido destinada. Alguns dias depois da sua saída de Brest, e depois de ter navegado

um pouco em direcção ao golfo de Gasconha, o capitão Cassardier aperecebeu um grande numero de embarcações que, navegando em ordem, lhe fizeram suppor que poderiam formar a vanguarda de uma esquadra ingleza; mas para melhor se assegurar, por indícios precisos, da realidade do facto que lhe importava reconhecer, o zeloso protegido de João-Bom deixou-se approximar mais dos navios á vista, certo como estava de quanto a corveta era veleira para depois se lhe escapar, se por ventura os seus inimigos pretendessem dar-lhe cassá.

A manobra a executar n'esta occasião era delicada. Os officiaes da corveta prevendo a emnencia do perigo, e não conhecendo ainda senão duvidosamente o merito problematico do seu commandante, inquietava-os o resultado que poderia ter simjlhante tentativa, mais arriscada que facil. Enquanto á companhia, a sua opinião era já assente e os marinheiros não duvidavam de que o capitão acabaria por os fazer encerrar na primeira occasião, n'alguma das prisões de Inglaterra. Todavia, á medida que a *Pastora* se approximava da esquadra, notava-se, com certa admiração, a bordo da corveta franceza, a segurança que pareciam adquirir com a progressão do perigo, a voz e a attitudo do commandante. A precaução que tivera, de ganhar habilmente o vento á linha dos navios á vista, pareceu de bom augurio, e depois a precisão com que elle medio a distancia a que devia conservar-se para estar fóra do alcance da artilheria dos vasos que elle queria observar, pareceu ainda de melhor presagio. Mas, depois de ter contado uma por uma, todas as canhoneiras da divisão ingleza, foi-lhe necessario fugir a todo o panno diante das duas fragatas que se destacavam da esquadra, e foi então que a equipagem julgou da pericia do seu commandante. Constantemente em manobras escapou-se sempre á cassá que pretendiam dar-lhe as fragatas, chegando a estar por instantes ao alcance dos canhões d'uma d'ellas.

De bordo em bordo, e aproveitando habilmente todas as variações e caprichos da brisa, proximo da noite viu que ficavam atraz de si, e a perder de vista, a esquadra que elle tinha examinado navio por navio, e as duas fragatas, que inutilmente quizeram contrariar-lhe as manobras e cortar-lhe a retirada.

(Continua)

DA MARINHA A VAPOR PORTUGUEZA, TAXIO DE GUERRA, COMO MERCANTE

(Continuado de pag. 73)

BARCOS A VAPOR EXISTENTES EM 1 DE JANEIRO DE 1837

FLUVIAES

Tejo

Entre Lisboa, Belem e Paço d'Arcos

Alcantara — Progresso — Lisbonense — Belem — Aviso.

Pertencem ao sr. Burnay, negociante Belga estabelecido em Lisboa.

Entre Lisboa, Barreiro, Cacilhas e Seixal

Palmella — Almansor — Camões — D. Pedro — Sertorio.

Pertencem á companhia do Tejo e Sado.

Entre Lisboa, Seixal e estação do caminho de ferro do sul

Principe D. Carlos Fernando — D. Affonso.

Sado

Entre Setubal e Alcacer

Principe D. Carlos.

Douro

Entre o Porto e Foz

Invicto.

REBOCADORES

Tejo

Formiga.

Pertence a um negociante inglez.

Douro

Foz do Douro — Mendes Leal.

Guadiana

Isabel.

VAPORES DE PEQUENO CURSO

Lusitania — Lisboa — Maria Pia.

Navegação entre Lisboa e a Madeira, Vigo, Harre, Londres, e ás vezes Porto

Victoria — D. Luiz.

Entre Lisboa e Aljarre

DE LONGO CURSO

Açoriano.

Entre Lisboa, Graciosa, Terceira, S. Miguel, Faial e S. George

D. Pedro — Zaire — D. Antonia — Tejo (antigo Africa).

Navegam para Madeira, S. Vicente, S. Thiago, S. Thomé, Principe, Loanda, Benguella, Mossamedes e Ambriz, mas com muita irregularidade, sendo o serviço feito com os vapores da antiga União Mercantil: de fôrma que n'outro tempo não prestavam estes barcos e agora prestam! A companhia actual apresentou para a carreira dos Açores um vapor, o *Leal*, mas em tal estado que a imprensa teve de clamar contra as suas carreiras!

Ha, pois, em Portugal 28 barcos a vapor incluindo os fluviaes e rebocadores. E é de notar que este mesmo numero tende a diminuir e não a augmentar.

Ha mais de quarenta annos que os barcos a vapor estão generalizados na Europa, e no entanto ainda se não constroem em Portugal senão de dimensões muito acanhadas. Um celebre *Duriense*, feito no Porto, e que em 1834 navegava entre esta cidade e a Foz pôde-se pôr a par d'uma lancha a vapor, feita ha pouco tempo no arsenal da marinha, em Lisboa.

As passagens a bordo dos barcos a vapor tem diminuido muitissimo. Em junho de 1837, annunciava o *Royal Tar* saída para Londres, custando a passagem na 1.^a camara 20 e na 2.^a 12 libras. Actualmente acham se quasi reduzidas a um terço.

Alguns capitaes ha empregados em companhias inglezas, principalmente n'uma que navega entre Setubal e varios portos inglezes.

Quando se estabelecerá uma carreira, ao menos de dois em dois mezes, para Moçambique, d'onde chegamos a estar um anno privados de noticias?!

Em as nossas possessões apenas ha em Angola 2 barcos a vapor, o *Andrade*, construido em Inglaterra, e um de dimensões mais pequenas.

Temos tambem no Tejo duas ou tres lanchas a vapor.

(Continua)

M. BERNARDES BRANCO

Typ. Franco Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.